

RECORTES DE IMPRENSA

ENSINO SUPERIOR/MUSICA/OPINIAO



OS CAMINHOS DO ENSINO

Por CÂNDIDO LIMA

AINDA não é hoje que falo de «A Música e as mares». Está para breve, até porque a música e as mares estão a encher. E hoje é já dadq o sinal.

Poucas vezes dou tréguas na análise e reflexões de questões que envolvem os problemas especificamente musicais. Não podemos evitar o mundo que nos rodeia, mesmo se não cabe neste espaço (nem neste fêlito), nem o conflito, nem a polémica pela polémica. Por vezes insistem colegas do ensino para que fale mais abertamente. Penso que, além de ser demasiado poeta, e ter nos leitores também poetas, problemas internos de família (entenda-se Escola) são para ser discutidos em família.

E lá ninguém me acusará de não estar sempre na primeira linha. Nem, como artista, me devo arrogar o direito de emitir aqui, publicamente, juízos de valor, fulanizando-os. Por pudor, «elegância de trato», por razões deontológicas. O combate de cada um devia ser o das ideias e não das pessoas e das instituições. Mesmo se é tantas vezes inglório, quando as pessoas subvertem as ideias e as instituições.

Como é o caso dos alunos do Curso Superior de Composição do Conservatório de Música do Porto que estão sem aulas, por leituras opostas de decretos e por fronteiras entre os poderes constituídos. O vazio parece ser a solução última de um impasse, e nem as pessoas nem as instituições soberam encontrar uma solução, nem curiosamente, os alunos, que no geral, pareceram, dispersos por idades e por lugares, aguardar que os deuses lhes trouxessem a solução. Só um, lutando pacificamente até ao último momento, tentou defender-se por meios e leis que os «grandes» subverteram. Sei onde está a resposta e a solução, mas já as dei «em família»... Inutilmente, e o vazio continua.

Volta à ribalta nacional a questão do Ensino, tema que nunca consegui separar da minha condição de produtor de música. Somos um país ainda em vias de desenvolvimento, todos concordamos, e a escola portuguesa é o sintoma de uma situação global caótica que se arrasta há anos. E embora a música seja uma pequena parcela desse campo infinito que é o saber e a vida,

ela deu-me ao longo dos anos algumas pistas para compreender problemas de fundo do nosso Sistema de Ensino e da nossa vida colectiva. Até porque, até ao famigerado Decreto 310, eu fui fazendo parte de grupos de trabalho e de direcções de conservatórios. Depois, paradoxalmente e por milagre do «diabo», afastando-me (eu, ou os outros?), deixaram-me terreno livre para a música! Coisa que, antes, dramaticamente, me parecia utópica...

Nunca, por ingenuidade e boa-fé, dei pela existência da bipolarização músico-cultural (não só tácita) entre Lisboa e Porto, mesmo em casos pessoais relacionados com a Imprensa ou com instituições.

Tomei disso consciência nos últimos tempos em conversas, debates e leituras

de gentes de outras áreas, talvez «menos» postas — do futebol, das letras; do teatro, da música. E assim, o êxodo de músicos do Norte para o Sul continua. Talvez um dia estes possam equilibrar os pratos da balança, já que o Norte continua a comandar as coisas, se não nos motores financeiros do Estado, na contribuição clara para a vitalidade económica e cultural — musical e em todas as artes da nação.

Sem conhecer os textos da nova Lei de Bases do Sistema Educativo, mas apoiado em algumas experiências pessoais sobre assuntos afins, aqui ficam, informalmente, alguns aspectos, mais um contributo mínimo para uma luz ao fundo do túnel:

I PRINCÍPIOS

Os princípios gerais de uma Reforma da Música (ou de um Sistema Educativo) não deveriam colidir com espaços específicos regionais de cultura, de economia, de quadros (profissionais):

A reflexão, a autocritica no diálogo com as realidades de outros povos deveriam presidir a todos os actos e etapas das grandes e pequenas reformas, da música, sobretudo, a mais alheada a essa realidade intercultural;

A independência e a liberdade criadora nunca deveriam ser postas em perigo por textos que deverão ser estabelecidos na

base de uma preparação humanística (incluindo as artes, naturalmente), de uma intuição pedagógica, e de uma preparação técnica geral e específica;

Existindo já em escolas uma excelente cooperação família-escola-professor-criança, numa nova concepção da música e do ensino musical infantil, deveriam tomar-se esses casos como pistas ou paradigmas de uma nova filosofia de ensino;

Moralizar a proliferação «selvagem» de escolas por todo o país que se conduzem à margem dos princípios básicos da educação, e de um sistema geral de ensino equilibrado, antes fontes de lucro e apoios ao comércio e à indústria;

Como englobar a música e a criança no meio ambiente natural e cultural, e onde encontrar caminhos que possam servir de pistas orientadoras?

Como integrar o ensino especulativo no ensino prático. Ou poderão anular-se ou existir separados?

Como salvaguardar a liberdade individual (da criação) perante a massificação dos meios audiovisuais e das suas técnicas de «marketing»?

II O COMPUTADOR

A tecnologia moderna permite estimular a criatividade ou coarctar ao jovem as capacidades e a iniciativa individual?

O que é o computador, o que é criação, o que é educação (musical e geral), o que pode ser a microinformática na escola musical portuguesa se nunca em Portugal se discutiram a fundo esses problemas em escolas de música — estética, acústica recente, antropologia(s), composição (criação), história da música da nossa contemporaneidade, formação básica?

Os níveis de criatividade vão do zero ao infinito — como definir criteriosamente os

espaços (etapas) de desenvolvimento mental infantil, juvenil, tendo o computador como companheiro?

A informática comercial como um espaço de economização de esforços humanos físico e mental, ou a informática comercial como espaço incompatível com as virtualidades e necessidades do jovem

como criador e fruitor da arte? Reproduzir, ou criar?

Quais os critérios para a implementação, nas escolas de Arte e de Música, das novas tecnologias? Indiscriminadamente, como parece que está a acontecer?

De alguns anos a esta parte venho apresentando, em concertos e conferências, obras pessoais e alheias compostas com o auxílio do computador, perante o cepticismo e o espanto públicos, de músicos e de tecnocratas e o fascínio dos jovens. Na própria Escola (nos conservatórios do Porto e de Aveiro) se fizeram tentativas de estudos estatísticos de contraponto renascentista, de breves estudos de composição, de execuções de trabalhos escolares por falta de instrumentos (a) para o fazer (já o referi de passagem aqui). Nunca os músicos, técnicos, matemáticos ou tecnocratas aceitaram ou perceberam a invasão da tecnologia por compositores. Há dois anos, para o Projecto Milaeva, a convite do seu director, em Braga, apresentei um plano onde constavam alguns projectos de estudo de problemas e de soluções de fundo da Escola e da Música. Após uma longa reunião, em que abertamente manifestou inteiro acordo, desapareceu. Ainda hoje não sei objectivamente porquê. E quase fulanizo o assunto porque o Projecto entrou fortemente nas escolas. Consta-se agora que a informática entre de rompante no Ensino, facto aceite como inevitável e irrecusável, para uns, com regozijo quase infantil por outros. Num espaço de meia dúzia de anos!

Talvez estas questões possam intervir positivamente, sabe-se lá como, nas discussões que há dias se iniciaram, sobre a Lei das Bases do Sistema Educativo, cujos textos espero conhecer em breve.

Ninguém chegará à solução ideal. Mas se a contribuição colectiva for inteligentemente absorvida, com certeza que se encontrará uma solução de equilíbrio. Mas retirarem ou subalternizarem a filosofia a música, as artes, como muitos tentaram vez de se serem à luz da realidade moderna, num amável convívio com a prática dos meios de hoje, seria criar já os germes da sua autodestruição.

Nunca como nestes últimos anos um espaço para a música esteve tão aberto por parte de certos sectores do poder político e económico. Nunca, dramaticamente, a música teve tanta dificuldade em dar uma resposta condigna. Nunca, como agora, por essa procura, tantos músicos estiveram tão mal apetrechados (desequilíbrio entre a muita oferta e a muita procura) técnica e pedagogicamente. Se eles compreenderem isso, estarão a tempo de participar numa Nova Escola que, de tantos em tantos anos, muitos tentam recomeçar.

Ensino Antropo-
MUSICA